
Estudo Sobre
O DILÚVIO
Roberto José
E-Books Digital

Estudo sobre o dilúvio

Introdução

Desde a publicação da obra *"The Genesis Flood"* (O Dilúvio de Gênesis), sobre o dilúvio global, deJohn C. Withcomb e Henry M. Morris, em 1961, viu-se pela primeira vez após o surgimento dodarwinismo, uma possibilidade clara de defender o relato do dilúvio bíblico, com evidênciasgeológicas sólidas. Esta foi uma obra que teve uma influência marcante.

Diante de tantas evidências esmagadoras, não há como dizer que não houve um dilúvio emnosso planeta. E por não aceitarem o relato bíblico, críticos, até mesmo no meio científico, apartir do relato mesopotâmico do dilúvio lançaram uma teoria de que o dilúvio bíblico teria sidoapenas uma inundação local, na região da Mesopotâmia. Mas tal teoria desaba quandoexaminamos a fundo TODAS (não apenas algumas) evidências. Os críticos escolheram o relatomesopotâmico apenas por conveniência, pois os antropólogos sabem que existem mais de 270relatos diferentes acerca do dilúvio espalhados pelo mundo, (e não apenas o bíblico e omesopotâmico). Além disso, os próprios relatos mesopotâmicos, não narram nenhumainundação regional na Mesopotâmia, mas um dilúvio global, o que faz com que a crítica entreem contradição.

A ciência não nos fala sobre Noé e nem sobre sua arca, mas ela fala sobre o dilúvio e suasconsequências. Ela pode apenas mostrar evidências deste evento, e tentar explicar como seriapossível a Noé sobreviver a este, com os exemplares das espécies animais. As escrituras falamsobre Noé e relatam alguns detalhes do dilúvio. Por isso, faremos uma abordagem teológica ecientífica das questões fundamentais sobre o dilúvio.

• Um surpreendente acontecimento tem sido o ressurgimento da interpretação catastrófica nageologia (catastrofismo). Por muito tempo, a principal interpretação geológica fora que osfósseis e as alterações geográficas da Terra haviam sido causadas pelo dilúvio. Mas com osurgimento do darwinismo, os fósseis e as alterações geológicas passaram a ser interpretadaspor geólogos modernos como evidências da evolução ao longo milhões de anos. Com o tempo,porém, mais provas que apoiaram o catastrofismo foram encontradas, e ressurgiu ainterpretação geológica catastrófica, de que a Terra passou por uma grande catástrofe, quegerou os fósseis e várias alterações no planeta. Os registros fósseis dão testemunho de umdilúvio Universal e testemunham que a Terra passou por uma grande catástrofe.

Definições de Dilúvio

A palavra hebraica usada em Gênesis para dilúvio é o termo hebraico "Mabbul", que indica"uma grande catástrofe, uma catástrofe sísmica que causa transformação geológica".A palavra "Dilúvio" vem do termo latim "Diluviu", (que foi usado na Vulgata). O termo latim‘Diluviu’ significa "uma grande inundação, cataclismo".
Já na Septuaginta grega, a expressão hebraica "Mabbul" foi traduzida por "Kataklysmós", (deonde vem a palavra Cataclisma). Kataklysmós significa "catástrofe, efeito sísmico,transformação geológica". Esta é exatamente a mesma definição que o Dicionário Aurélio daLíngua Portuguesa dá para a palavra CATACLISMA:

"Transformação brusca e de grande amplitude da crosta terrestre".Todas essas expressões (kataklysmós, diluviu) têm suas origens na expressão hebraica"Mabbul", que também possui os mesmos significados acima:"Uma catástrofe sísmica que causa transformação geológica".Portanto, é errado pensar que o Dilúvio se resumiu a uma SIMPLES CHUVA. Ao contrário doque muitos pensam, o dilúvio bíblico não foi apenas uma chuva, e não durou apenas 40 dias.O dilúvio também foi um processo de transformações continentais e alterações geológicas queocorreram na Terra enquanto Noé esteve na arca.

Introdução

Desde a publicação da obra *"The Genesis Flood"* (O Dilúvio de Gênesis), sobre o dilúvio global, deJohn C. Withcomb e Henry M. Morris, em 1961, viu-se pela primeira vez após o surgimento dodarwinismo, uma possibilidade clara de defender o relato do dilúvio bíblico, com evidênciasgeológicas sólidas. Esta foi uma obra que teve uma influência marcante.

Diante de tantas evidências esmagadoras, não há como dizer que não houve um dilúvio emnosso planeta. E por não aceitarem o relato bíblico, críticos, até mesmo no meio científico, apartir do relato mesopotâmico do dilúvio lançaram uma teoria de que o dilúvio bíblico teria sidoapenas uma inundação local, na região da Mesopotâmia. Mas tal teoria desaba quandoexaminamos a fundo TODAS (não apenas algumas) evidências. Os críticos escolheram o relatomesopotâmico apenas por conveniência, pois os antropólogos sabem que existem mais de 270relatos diferentes acerca do dilúvio espalhados pelo mundo, (e não apenas o bíblico e omesopotâmico). Além disso, os próprios relatos mesopotâmicos, não narram nenhumainundação regional na Mesopotâmia, mas um dilúvio global, o que faz com que a crítica entreem contradição.

A ciência não nos fala sobre Noé e nem sobre sua arca, mas ela fala sobre o dilúvio e suasconsequências. Ela pode apenas mostrar evidências deste evento, e tentar explicar como seriapossível a Noé sobreviver a este, com os exemplares das espécies animais. As escrituras falamsobre Noé e relatam alguns detalhes do dilúvio. Por

isso, faremos uma abordagem teológica ecientífica das questões fundamentais sobre o dilúvio.

• Um surpreendente acontecimento tem sido o ressurgimento da interpretação catastrófica nageologia (catastrofismo). Por muito tempo, a principal interpretação geológica fora que osfósseis e as alterações geográficas da Terra haviam sido causadas pelo dilúvio. Mas com osurgimento do darwinismo, os fósseis e as alterações geológicas passaram a ser interpretadaspor geólogos modernos como evidências da evolução ao longo milhões de anos. Com o tempo,porém, mais provas que apoiaram o catastrofismo foram encontradas, e ressurgiu ainterpretação geológica catastrófica, de que a Terra passou por uma grande catástrofe, quegerou os fósseis e várias alterações no planeta. Os registros fósseis dão testemunho de umdilúvio Universal e testemunham que a Terra passou por uma grande catástrofe.

Madeira usada na construção da arca

A arca foi construída com a madeira "Gofer". O termo hebraico “Gofer” é mencionado apenasuma única vez na Bíblia (Gênesis 6:14) e, embora seja traduzida em várias versões como“cipreste”, seu significado é obscuro, não se sabe exatamente o seu significado. A tradução de‘gofer’ por cipreste, se baseia nas semelhanças das raízes destas duas palavras, que sãosemelhantes no hebraico.

O cipreste era uma madeira utilizada antigamente em alguns lugares da Europa para construircaixas d'águas, por ser um tipo de madeira que não estraga com a água. Não sabemos se ocipreste existente na época de Noé seria exatamente igual ao que conhecemos atualmente. Entre os pais da Igreja, Agostinho e Ambrósio sugeriram que ‘gofer’ deveria ser o pinho ou ocipreste. Há também quem tenha sugerido que o hebraico ‘gofer’ não designa nenhum tipo demadeira específica usada na construção da arca.

Quando lançada, no século XVI, a Versão da Bíblia de Genebra traduziu o hebraico 'gofer'como a árvore pinheiro.Para não correrem o risco de errarem na tradução, a versão do Rei James (1611) manteve apalavra original, e a maioria das versões seguintes conservaram o original gofer. Já a 'NewInternationalVersion' (Nova Versão Internacional), publicada em 1978, e algumas outras(como a Almeida Atualizada) substituíram por cipreste.

A "Enciclopédia Judaica" diz que a tradição cristã de sugerir que o hebraico gofer sejatraduzido por ‘cipreste’, é uma interpretação arbitrária e insatisfatória, porque se baseiaapenas nas semelhanças das raízes destas palavras.

Há estudiosos que sugerem que “gofer”, a madeira utilizada na construção da arca, tenha sidoalgum tipo de árvore antediluviana. A madeira usada foi semelhante à de cipreste e não a dasgigantes sequóias. As toras poderiam ser carregadas de muitas maneiras,

provavelmente demodo muito mais fácil que as pedras das pirâmides e as imensas pedras dos obeliscosegípcios.

Introdução

Desde a publicação da obra *"The Genesis Flood"* (O Dilúvio de Gênesis), sobre o dilúvio global, deJohn C. Withcomb e Henry M. Morris, em 1961, viu-se pela primeira vez após o surgimento do darwinismo, uma possibilidade clara de defender o relato do dilúvio bíblico, com evidênciasgeológicas sólidas. Esta foi uma obra que teve uma influência marcante.Diante de tantas evidências esmagadoras, não há como dizer que não houve um dilúvio emnosso planeta. E por não aceitarem o relato bíblico, críticos, até mesmo no meio científico, apartir do relato mesopotâmico do dilúvio lançaram uma teoria de que o dilúvio bíblico teria sidoapenas uma inundação local, na região da Mesopotâmia. Mas tal teoria desaba quandoexaminamos a fundo TODAS (não apenas algumas) evidências. Os críticos escolheram o relatomesopotâmico apenas por conveniência, pois os antropólogos sabem que existem mais de 270relatos diferentes acerca do dilúvio espalhados pelo mundo, (e não apenas o bíblico e omesopotâmico). Além disso, os próprios relatos mesopotâmicos, não narram nenhumainundação regional na Mesopotâmia, mas um dilúvio global, o que faz com que a crítica entreem contradição.

A ciência não nos fala sobre Noé e nem sobre sua arca, mas ela fala sobre o dilúvio e suasconsequências. Ela pode apenas mostrar evidências deste evento, e tentar explicar como seriapossível a Noé sobreviver a este, com os exemplares das espécies animais. As escrituras falamsobre Noé e relatam alguns detalhes do dilúvio. Por isso, faremos uma abordagem teológica ecientífica das questões fundamentais sobre o dilúvio.

• Um surpreendente acontecimento tem sido o ressurgimento da interpretação catastrófica nageologia (catastrofismo). Por muito tempo, a principal interpretação geológica fora que osfósseis e as alterações geográficas da Terra haviam sido causadas pelo dilúvio. Mas com osurgimento do darwinismo, os fósseis e as alterações geológicas passaram a ser interpretadaspor geólogos modernos como evidências da evolução ao longo milhões de anos. Com o tempo,porém, mais provas que apoiaram o catastrofismo foram encontradas, e ressurgiu ainterpretação geológica catastrófica, de que a Terra passou por uma grande catástrofe, quegerou os fósseis e várias alterações no planeta. Os registros fósseis dão testemunho de umdilúvio Universal e testemunham que a Terra passou por uma grande catástrofe.

Água doce e água salgada

Frequentemente, críticos costumam nos perguntar: "Como a água doce não se misturou com asalgada no dilúvio? Como os peixes de água doce sobreviveram ao dilúvio?"Primeiro, podemos dizer que

houveram bolsões de água doce que não se misturaram comágua salgada; (quando a água doce entra em contato com as águas salgadas dos mares ouoceanos e elas não se misturam, dizemos que se formaram "bolsões" de água doce em meio àágua salgada). Este, porém, é um fenômeno raro. Por exemplo, o Rio Amazonas, - o maior domundo em volume de água, no norte do Brasil, permanece 70 km adentro do oceano, sem queas suas águas se misturem. É possível encontrar peixes de água doce nadando nesta extensãode 70 km, dentro do próprio oceano Pacífico.Podemos provar que estes bolsões se formaram durante o dilúvio? Sim, e a prova existe atéhoje: o MAR NEGRO, onde encontra-se água salgada por cima da água doce, no fundo deste.Explorando o fundo do Mar Negro, encontrou-se a margem do lago a 80-110 metros abaixo doatual litoral, com areia e dunas. Estas teriam se preservado por terem sido recobertas por umagigantesca massa de água em pouco tempo. Há milênios, desde a época do dilúvio que elasnão se misturam. Por coincidência, cientistas (até mesmo evolucionistas) dizem que o MarNegro deve ter se originado no dilúvio, e que antes, este mar teria sido "um lago de águadoce".

• Mas isto significa que toda a água doce não tenha se misturado com a salgada no dilúvio?Claro que não! Isto mostra apenas que em DETERMINADOS LOCAIS e REGIÕES, tais águasnão se misturaram. Houve lugares em que elas não se misturaram, mas também houvelugares em que elas se misturaram.

• Alguns críticos citam a experiência feita com um copo d'água, onde se enche um copo deágua doce, depois se acrescenta a água salgada do mar, e então toda a água do copo ficasalgada – para dizerem que seria impossível que no dilúvio a água salgada não tenha semisturado com a água doce. Mas os próprios cientistas (evolucionistas ou não) pensavam omesmo, até que descobriram este fenômeno raro e impressionante no Mar Negro. Nem elessabem explicar exatamente a causa deste fenômeno. A explicação científica, é que istoaconteceu porque a água salgada deve ter sido lançada com muita "velocidade e violência" porcima da água doce, e devido a isto, ambas não se misturaram.Podemos então, dizer que o fundo Mar Negro é um verdadeiro "aquário gigante de água doce"

em nossos dias – com uma enorme quantidade de água salgada em cima, fazendo pressão,mas elas não se misturam.Como poderiam estes "bolsões de água doce" não se misturarem durante todo o ano em quedurou o dilúvio? - Basta ver o Mar Negro, onde há mais de 4.500 anos, água doce e salgadanão se misturam...

• Isto talvez explique porque APENAS cerca de 3% de toda a água do planeta não é salgada: ofato de grande parte delas terem se misturado no dilúvio, e de após este, os oceanos setornarem "mais salgados".Durante o processo de "enxugamento", após o dilúvio, o processo de evaporação deve tercolaborado muito para recuperar boa parte da água doce que se misturou com as salgadas, edepois, devolvê-las aos rios e lagos em forma de chuva.Embora nem toda a

água doce tenha ficado em bolsões, também é preciso dizer que antes dodilúvio não havia tanto sal nos oceanos. Para entender isso, é preciso saber como se forma osal.

• Um dos segredos que os oceanos guardam escondido consigo, até de cientistas, é quanto àorigem de sua salinidade. O cloreto de sódio (NaCl) sozinho, representa 30% do total de saisdissolvidos na água do mar (segundo alguns, ele representa uma porcentagem maior). Noentanto, ninguém sabe ao certo de onde ele veio. Há duas teorias. A mais antiga surgiu comEdmond Halley, em 1715. Halley notou que os lagos que não têm saídas para o oceano (comoo Mar Morto e o Mar Cáspio) possuem alto teor de sais. A teoria mais antiga supõe que os saise outros minerais foram transportados para o mar pelos rios, e que ele provenha da dissoluçãode rochas terrestres pela água das chuvas e dos rios que desembocam nos mares. Então, osrios levariam os compostos do sal aos mares, oceanos e lagos salgados. Mas essa teoria nãoexplica a origem de todos os compostos do sal, pois ao se comparar a composição dassubstâncias presentes na água do mar, verifica-se ser impossível que todo o sal presente nosoceanos tenha sido originado de rochas da superfície terrestre. Os oceanógrafos formularam ahipótese de alguns compostos terem surgido também por meio de processos vulcânicos noassoalho submarino.Lavas originárias da camada chamada de manto, teriam levado diretamente ao oceano um tipode água pura, quimicamente derivada do magma; essa água nunca circulara na superfície e éconstituída por vários elementos químicos, como cloretos, sulfatos, brometos, iodetos,carbono, cloro, boro, nitrogênio, entre outras substâncias. O sódio e o cloreto então secombinaram e formaram o cloreto de sódio (NaCl).Mas ainda ficam perguntas como: Não seriam estes, minerais de rochas derretidos pelomagma, e levados por esta "água pura" aos oceanos, tal como as águas dos rios?Independente de qual a teoria correta sobre a origem do sal, após o dilúvio, a maior catástrofesísmica do planeta, a taxa de salinidade dos oceanos deve ter aumentado muito. O dilúvio"lavou" todo o planeta, as rochas foram gastas pela queda contínua de chuva e pelas bruscasmudanças geológicas que a superfície passava; e acredita-se que centenas de vulcõessubmarinos entraram em erupção durante o ano em que durou o dilúvio, a partir de quando asfontes subterrâneas se romperam, e as placas continentais começaram a se partir, formando oque chamamos hoje de "anel de fogo dos oceanos". Isto teria liberado muita lava nos oceanos,e colaborado para um grande aumento do sal.

• Não se pode afirmar que no período antediluviano os peixes seriam adaptados apenas à água
doce; acreditamos que os peixes tiveram que se adaptarem a apenas um tipo de água (doceou salgada, ou a ambas) só após o dilúvio, já que antes do dilúvio os oceanos não continham amesma densidade de sal. Devido a isolamentos de habitat as novas espécies de peixes e seresaquáticos foram se tornando menos adaptadas à água salgada

ou à doce.Peixes como o salmão podem viver tanto em água doce como em água salgada; estacapacidade de viver tanto em águas salgadas como em águas doces deve ter existido antes dainundação global. Com o aumento da salinidade após o dilúvio, os peixes que não encontraramágua doce, tiveram que lutar para se adaptar; os que não conseguiram se adaptar ao novoambiente, foram extintos. Isto talvez explique o alto número de espécies marinhas extintas: osseres aquáticos são os mais numerosos e os mais extintos do reino animal. Porém, acapacidade de se adaptar à mudança de ambiente é uma característica natural de todos osseres vivos. Acredita-se que todos os peixes possam se adaptarem a uma certa variação desalinidade, assim alguns indivíduos seriam capazes de sobreviver à mescla gradual das águas,e a troca gradual de salinidade durante e após o Dilúvio. Peixes como o bagre, se adaptaram àágua doce, e outros, como a anchova, à água salgada. Já peixes como o salmão, conseguiramse adaptar aos dois tipos de água. O fato de os salmões poderem viver tanto em água docecomo em água salgada, pode ser sinal de que, na luta para se adaptar, eles conseguiram seadaptarem a ambos os tipos de água.

• Assim, Noé não precisou levar nenhum aquário gigante com peixinhos de água doce na arca.

Introdução

Desde a publicação da obra *"The Genesis Flood"* (O Dilúvio de Gênesis), sobre o dilúvio global, deJohn C. Withcomb e Henry M. Morris, em 1961, viu-se pela primeira vez após o surgimento dodarwinismo, uma possibilidade clara de defender o relato do dilúvio bíblico, com evidênciasgeológicas sólidas. Esta foi uma obra que teve uma influência marcante.Diante de tantas evidências esmagadoras, não há como dizer que não houve um dilúvio emnosso planeta. E por não aceitarem o relato bíblico, críticos, até mesmo no meio científico, apartir do relato mesopotâmico do dilúvio lançaram uma teoria de que o dilúvio bíblico teria sidoapenas uma inundação local, na região da Mesopotâmia. Mas tal teoria desaba quandoexaminamos a fundo TODAS (não apenas algumas) evidências. Os críticos escolheram o relatomesopotâmico apenas por conveniência, pois os antropólogos sabem que existem mais de 270relatos diferentes acerca do dilúvio espalhados pelo mundo, (e não apenas o bíblico e omesopotâmico). Além disso, os próprios relatos mesopotâmicos, não narram nenhumainundação regional na Mesopotâmia, mas um dilúvio global, o que faz com que a crítica entreem contradição.

A ciência não nos fala sobre Noé e nem sobre sua arca, mas ela fala sobre o dilúvio e suas consequências. Ela pode apenas mostrar evidências deste evento, e tentar explicar como seriapossível a Noé sobreviver a este, com os exemplares das espécies animais. As escrituras falamsobre Noé e relatam alguns detalhes do dilúvio. Por

isso, faremos uma abordagem teológica ecientífica das questões fundamentais sobre o dilúvio.

• Um surpreendente acontecimento tem sido o ressurgimento da interpretação catastrófica nageologia (catastrofismo). Por muito tempo, a principal interpretação geológica fora que osfósseis e as alterações geográficas da Terra haviam sido causadas pelo dilúvio. Mas com osurgimento do darwinismo, os fósseis e as alterações geológicas passaram a ser interpretadaspor geólogos modernos como evidências da evolução ao longo milhões de anos. Com o tempo,porém, mais provas que apoiaram o catastrofismo foram encontradas, e ressurgiu ainterpretação geológica catastrófica, de que a Terra passou por uma grande catástrofe, quegerou os fósseis e várias alterações no planeta. Os registros fósseis dão testemunho de umdilúvio Universal e testemunham que a Terra passou por uma grande catástrofe.

Como as plantas sobreviveram ao dilúvio?

Existem cerca de 275 mil espécies de plantas no mundo. As espécies vegetais sobreviveram aoDilúvio através de seus esporos, sementes, brotos e alguma outra forma possível de resistir àscondições próprias do evento. Tais partes das plantas são geralmente muito resistentes epodem germinar após vários meses de espera, justificando a não necessidade de levarexemplares na Arca de Noé.Além disso, existe um mecanismo de diversificação das plantas semelhante ao dos animais,não precisando que as 275 mil espécies atuais tivessem exemplares vivos (não na forma deplantas adultas, mas sim de sementes, esporos, brotos, entre outros), mesmo que asobrevivência não seja um problema. A Arca poderia carregar muitas sementes diversas,contudo a Bíblia cita apenas o carregamento vegetais próprios para a sobrevivência(alimentação) das pessoas e animais. Assim, Deus não ordenara que se levasse na arcaexemplares de cada vegetal existente, e não há necessidade para tal devido à facilidade depropagação e resistência das plantas.

Há alguns anos no Japão foram encontradas após algumasescavações, sementes de um tipode árvore que estaria extinta há alguns milhares de anos (há 10.000 anos). E após plantaremas sementes elas germinaram. Se estas sementes conservadas há tanto tempo foram capazesde germinar, logo as plantas também poderiam voltar a germinar menos de um ano após oinício do dilúvio; pois as plantas já germinavam antes mesmo que os tripulantes da arcasaíssem dela, logo quando a superfície terrestre secou. A prova disso foi que a pomba, depoisde trazer o ramo de oliveira, não retornou mais a Noé – o que significa que ela encontroualimento suficiente para sobreviver independentemente fora da arca, na superfície, pro restode sua vida.

Não sobreviveram florestas inteiras ao dilúvio. No entanto, seus restos mortais, junto da lama,devem ter fornecido condições boas para preservação também de muitas sementes de plantas,e logo após as águas abaixarem, os brotos começariam a florescer. Isto é evidenciado atémesmo pela descrição bíblica.

Introdução

Desde a publicação da obra *"The Genesis Flood"* (O Dilúvio de Gênesis), sobre o dilúvio global, deJohn C. Withcomb e Henry M. Morris, em 1961, viu-se pela primeira vez após o surgimento dodarwinismo, uma possibilidade clara de defender o relato do dilúvio bíblico, com evidênciasgeológicas sólidas. Esta foi uma obra que teve uma influência marcante.

Diante de tantas evidências esmagadoras, não há como dizer que não houve um dilúvio emnosso planeta. E por não aceitarem o relato bíblico, críticos, até mesmo no meio científico, apartir do relato mesopotâmico do dilúvio lançaram uma teoria de que o dilúvio bíblico teria sidoapenas uma inundação local, na região da Mesopotâmia. Mas tal teoria desaba quandoexaminamos a fundo TODAS (não apenas algumas) evidências. Os críticos escolheram o relatomesopotâmico apenas por conveniência, pois os antropólogos sabem que existem mais de 270relatos diferentes acerca do dilúvio espalhados pelo mundo, (e não apenas o bíblico e omesopotâmico). Além disso, os próprios relatos mesopotâmicos, não narram nenhumainundação regional na Mesopotâmia, mas um dilúvio global, o que faz com que a crítica entreem contradição.A ciência não nos fala sobre Noé e nem sobre sua arca, mas ela fala sobre o dilúvio e suasconsequências. Ela pode apenas mostrar evidências deste evento, e tentar explicar como seriapossível a Noé sobreviver a este, com os exemplares das espécies animais. As escrituras falamsobre Noé e relatam alguns detalhes do dilúvio. Por isso, faremos uma abordagem teológica ecientífica das questões fundamentais sobre o dilúvio.

• Um surpreendente acontecimento tem sido o ressurgimento da interpretação catastrófica nageologia (catastrofismo). Por muito tempo, a principal interpretação geológica fora que osfósseis e as alterações geográficas da Terra haviam sido causadas pelo dilúvio. Mas com osurgimento do darwinismo, os fósseis e as alterações geológicas passaram a ser interpretadaspor geólogos modernos como evidências da evolução ao longo milhões de anos. Com o tempo,porém, mais provas que apoiaram o catastrofismo foram encontradas, e ressurgiu ainterpretação geológica catastrófica, de que a Terra passou por uma grande catástrofe, quegerou os fósseis e várias alterações no planeta. Os registros fósseis dão testemunho de umdilúvio Universal e testemunham que a Terra passou por uma grande catástrofe.

Como animais específicos de cada região foram até a arca

Embora Deus tenha trazido os animais até Noé, há duas possibilidades que podem terfacilitado a chegada dos animais até Noé. É possível que havido apenas um único continenteantes do dilúvio, o que facilitaria que animais exemplares dos tipos básicos, situados emdeterminadas regiões do planeta, não tivessem de atravessar os oceanos para chegarem até aarca. Antes do dilúvio também, deve ter havido uma rica fauna, sem a ameaça de extinção(pois como sabemos, o risco de extinção tem feito com que várias espécies ameaçadas tenhampoucos exemplares preservados em apenas uma ou poucas regiões do planeta, - causandoassim a interrogação de pessoas que imaginam ter tais exemplares vivido apenas na regiãoem que subsiste atualmente). Animais como os pinguins, camelos, ursos polares, o canguru daAustrália e o lobo-guará das Américas, são animais que, devido ao seu isolamento numadeterminada região, e sua "adaptação" a esta, hoje só existem naquela determinada região domundo. No caso destes, os animais se isolaram na região em que vivem, e muitos exemplaresentraram em extinção em outras regiões do planeta, e hoje, só são encontradas em uma únicaregião do planeta. Como antes do dilúvio não havia tanta destruição ambiental, mas umafauna rica e abundante, não deveria haver casos de espécies subsistirem apenas em uma oupoucas regiões. Isto se deu após o dilúvio, quando os exemplares tiveram que se adaptar, ecom o tempo, em determinadas regiões do mundo foram extintos, resultando hoje em apenaspoucos exemplares da espécie em poucos lugares do mundo. Além da ameaça de extinção demuitas espécies, a competição – disputa por alimentos, água, território, etc – atua no controledo número de indivíduos, regulando o número das populações (quando diversas espécies deanimais passam a viver na mesma região, ao mesmo tempo, formam-se as chamadas"populações").

Há animais ameaçados de extinção que só existem, por exemplo, na América e na África. Seos exemplares da espécie que há na América forem extintos, as próximas gerações talvez,estarão se perguntando como Noé fez para colocar exemplares dessa espécie na arca, se elessó existem no continente africano. Com o tempo, os chamados "animais específicos de cadaregião" se adaptaram ao tipo de habitat e de região em que vivem atualmente. Há alguns diasestive vendo uma reportagem onde ambientalistas diziam que, devido à mudança do ambienteo lobo guará do Brasil está tendo que se adaptar a um novo tipo de ambiente onde não viviaantes. Isto é uma prova de que os seres vivos possuem grande capacidade de adaptação. Vejao exemplo dos animais domésticos: muitos destes eram silvestres (como cães, gatos ecavalos); mas foram domesticados pelo homem, perderam o instinto selvático e

mudaramseus habitats, se adaptando ao ambiente doméstico.O lobo-guará, por exemplo, é uma espécie da qual subsistem exemplares apenas em algunspaíses das Américas, mas que num passado remoto se encontrava também em outras regiõesdo mundo. Por isso, não devemos pensar que Noé teve de vir nas Américas buscar um lobopara preservar na arca, ou que este teve de atravessar os oceanos para chegar até lá. Omesmo se deu com as demais espécies.

As escrituras relatam que Deus trouxe os animais até Noé, ele não precisou sair por aíajuntando-os. Somente Deus estaria apto para escolher o "melhor material genético", osexemplares mais capazes de sobreviverem e de suportarem a todos os eventos ecircunstâncias, durante e depois do dilúvio.

Introdução

Desde a publicação da obra *"The Genesis Flood"* (O Dilúvio de Gênesis), sobre o dilúvio global, de John C. Withcomb e Henry M. Morris, em 1961, viu-se pela primeira vez após o surgimento do darwinismo, uma possibilidade clara de defender o relato do dilúvio bíblico, com evidências geológicas sólidas. Esta foi uma obra que teve uma influência marcante.

Diante de tantas evidências esmagadoras, não há como dizer que não houve um dilúvio em nosso planeta. E por não aceitarem o relato bíblico, críticos, até mesmo no meio científico, a partir do relato mesopotâmico do dilúvio lançaram uma teoria de que o dilúvio bíblico teria sido apenas uma inundação local, na região da Mesopotâmia. Mas tal teoria desaba quando examinamos a fundo TODAS (não apenas algumas) evidências. Os críticos escolheram o relato mesopotâmico apenas por conveniência, pois os antropólogos sabem que existem mais de 270 relatos diferentes acerca do dilúvio espalhados pelo mundo, (e não apenas o bíblico e omesopotâmico). Além disso, os próprios relatos mesopotâmicos, não narram nenhuma inundação regional na Mesopotâmia, mas um dilúvio global, o que faz com que a crítica entre em contradição.

A ciência não nos fala sobre Noé e nem sobre sua arca, mas ela fala sobre o dilúvio e suas consequências. Ela pode apenas mostrar evidências deste evento, e tentar explicar como seria possível a Noé sobreviver a este, com os exemplares das espécies animais. As escrituras falam sobre Noé e relatam alguns detalhes do dilúvio. Por isso, faremos uma abordagem teológica e científica das questões fundamentais sobre o dilúvio.

• Um surpreendente acontecimento tem sido o ressurgimento da interpretação catastrófica na geologia (catastrofismo). Por muito tempo, a principal interpretação geológica fora que os fósseis e as alterações geográficas da Terra haviam sido causadas pelo dilúvio. Mas com o surgimento do darwinismo, os fósseis e as alterações geológicas passaram a ser interpretadas por geólogos modernos como evidências da evolução ao longo milhões de anos. Com o

tempo, porém, mais provas que apoiaram o catastrofismo foram encontradas, e ressurgiu ainterpretação geológica catastrófica, de que a Terra passou por uma grande catástrofe, que gerou os fósseis e várias alterações no planeta. Os registros fósseis dão testemunho de um dilúvio Universal e testemunham que a Terra passou por uma grande catástrofe.

Insetos e artrópodes

Sabemos que os pequenos artrópodes são insetos incapazes de sobreviver num ambiente aquático, mas devemos considerar a resistência tremenda de seus ovos e larvas. Esses ovos poderiam ficar soterrados junto das florestas ou em qualquer outro ambiente, ou mesmo flutuar na água. Um ovo do mosquito da Dengue pode eclodir até 10 dias (ou mais) depois de posto se não encontrar condições ideais, ficando na beirada de vasos com umidade, por exemplo. Outros invertebrados não teriam dificuldade em viver no lamaçal sob as águas do dilúvio.

Não sobreviveram florestas inteiras ao dilúvio. No entanto, seus restos mortais, junto da lama, devem ter fornecido condições boas para preservação de muitas sementes de plantas e ovos de insetos. Logo após as águas abaixarem, recomeçaria a vida na floresta, com seus pequenos invertebrados saindo da Terra e brotos florescendo.
Os artrópodes são conhecidos por sua incrível resistência, e as condições do Dilúvio não devem ter sido nenhum problema para eles, especialmente se considerarmos o imenso número de indivíduos e a resistência também de seus ovos e larvas, formas mais prováveis de sobreviver.

A Arca também, pode ter carregado muitos insetos entre os vegetais e animais.

Porque os cupins não devorariam a arca

Primeiramente, os cupins são insetos e vegetarianos. É certo que cupins constroem suas casas na madeira ou então no solo. São capazes de alimentar-se também (mas não apenas) de objetos de madeira, por causa da celulose, (que também é encontrada nos vegetais). Alguns atacam plantas vivas, raízes, sementes, cereais e tubérculos. Geralmente cupins só alimentam-se de madeira com sinais de apodrecimento, e na ausência ou escassez de alimentação vegetal (como folhas, raízes, etc). Por isso, quando entram em um ambiente sem vegetação natural, numa casa, por exemplo, os cupins podem se alimentar dos objetos de madeira, causando sérios prejuízos. Mas por serem insetos, os cupins são seres que não precisariam entrar na arca. E mesmo se houvesse, um casal de cupins, não seria o suficiente para afundar uma arca (um único cupinzeiro não é capaz de dizimar uma floresta). Lembrando que havia muita alimentação vegetal (celulose) a bordo da arca, suficiente para alimentar seres tão pequenos. Mas invertebrados,

seres aquáticos e anfíbios são seres que Noé não precisaria levar na arca, pois estes poderiam sobreviver fora dela. Justamente por isso, Deus NÃO ordenou que Noé levasse consigo nenhuma destas três classes. Assim, não haveria cupins na arca.

Introdução

Desde a publicação da obra *"The Genesis Flood"* (O Dilúvio de Gênesis), sobre o dilúvio global, de John C. Withcomb e Henry M. Morris, em 1961, viu-se pela primeira vez após o surgimento do darwinismo, uma possibilidade clara de defender o relato do dilúvio bíblico, com evidênciasgeológicas sólidas. Esta foi uma obra que teve uma influência marcante.

Diante de tantas evidências esmagadoras, não há como dizer que não houve um dilúvio emnosso planeta. E por não aceitarem o relato bíblico, críticos, até mesmo no meio científico, apartir do relato mesopotâmico do dilúvio lançaram uma teoria de que o dilúvio bíblico teria sidoapenas uma inundação local, na região da Mesopotâmia. Mas tal teoria desaba quandoexaminamos a fundo TODAS (não apenas algumas) evidências. Os críticos escolheram o relatomesopotâmico apenas por conveniência, pois os antropólogos sabem que existem mais de 270relatos diferentes acerca do dilúvio espalhados pelo mundo, (e não apenas o bíblico e omesopotâmico). Além disso, os próprios relatos mesopotâmicos, não narram nenhumainundação regional na Mesopotâmia, mas um dilúvio global, o que faz com que a crítica entreem contradição.

A ciência não nos fala sobre Noé e nem sobre sua arca, mas ela fala sobre o dilúvio e suasconsequências. Ela pode apenas mostrar evidências deste evento, e tentar explicar como seriapossível a Noé sobreviver a este, com os exemplares das espécies animais. As escrituras falamsobre Noé e relatam alguns detalhes do dilúvio. Por isso, faremos uma abordagem teológica ecientífica das questões fundamentais sobre o dilúvio.

• Um surpreendente acontecimento tem sido o ressurgimento da interpretação catastrófica nageologia (catastrofismo). Por muito tempo, a principal interpretação geológica fora que osfósseis e as alterações geográficas da Terra haviam sido causadas pelo dilúvio. Mas com osurgimento do darwinismo, os fósseis e as alterações geológicas passaram a ser interpretadaspor geólogos modernos como evidências da evolução ao longo milhões de anos. Com o tempo,porém, mais provas que apoiaram o catastrofismo foram encontradas, e ressurgiu ainterpretação geológica catastrófica, de que a Terra passou por uma grande catástrofe, quegerou os fósseis e várias alterações no planeta. Os registros fósseis dão testemunho de umdilúvio Universal e testemunham que a Terra passou por uma grande catástrofe.

Micróbios

Quase todos os microorganismos são resistentes à água. Isto já foi comprovado pormicrobiologistas. Os que não podem sobreviver na água, são capazes de sobreviver no ar oucomo parasitas. Noé não precisava ter conhecimento em microbiologia, nem saber daexistência de seres como amebas, vírus, bactérias e vermes microrgânicos, pois não erapreciso que Noé os colocasse na arca. Justamente por isso, Deus não os mencionou a Noé.

Seres microscópicos se encontram presentes em todos os lugares que se puder imaginar;obviamente alguns deles deveriam estar presentes na arca, não para preservação, mas comointrusos e parasitas nos seres que ali estavam, e no ambiente. É muito óbvio que, se havia are água dentro da arca, alguns dos microorganismos que vivem no ar ou na água, podem terpenetrado em seu interior.

Introdução

Desde a publicação da obra *"The Genesis Flood"* (O Dilúvio de Gênesis), sobre o dilúvio global, deJohn C. Withcomb e Henry M. Morris, em 1961, viu-se pela primeira vez após o surgimento dodarwinismo, uma possibilidade clara de defender o relato do dilúvio bíblico, com evidênciasgeológicas sólidas. Esta foi uma obra que teve uma influência marcante.

Diante de tantas evidências esmagadoras, não há como dizer que não houve um dilúvio emnosso planeta. E por não aceitarem o relato bíblico, críticos, até mesmo no meio científico, apartir do relato mesopotâmico do dilúvio lançaram uma teoria de que o dilúvio bíblico teria sidoapenas uma inundação local, na região da Mesopotâmia. Mas tal teoria desaba quandoexaminamos a fundo TODAS (não apenas algumas) evidências. Os críticos escolheram o relatomesopotâmico apenas por conveniência, pois os antropólogos sabem que existem mais de 270relatos diferentes acerca do dilúvio espalhados pelo mundo, (e não apenas o bíblico e omesopotâmico). Além disso, os próprios relatos mesopotâmicos, não narram nenhumainundação regional na Mesopotâmia, mas um dilúvio global, o que faz com que a crítica entreem contradição.

A ciência não nos fala sobre Noé e nem sobre sua arca, mas ela fala sobre o dilúvio e suas consequências. Ela pode apenas mostrar evidências deste evento, e tentar explicar como seriapossível a Noé sobreviver a este, com os exemplares das espécies animais. As escrituras falamsobre Noé e relatam alguns detalhes do dilúvio. Por isso, faremos uma abordagem teológica ecientífica das questões fundamentais sobre o dilúvio.

• Um surpreendente acontecimento tem sido o ressurgimento da interpretação catastrófica nageologia (catastrofismo). Por muito tempo, a principal interpretação geológica fora que osfósseis e as alterações geográficas da Terra haviam sido causadas pelo dilúvio. Mas com osurgimento do darwinismo, os fósseis e as alterações geológicas passaram a ser interpretadaspor geólogos modernos como

evidências da evolução ao longo milhões de anos. Com o tempo,porém, mais provas que apoiaram o catastrofismo foram encontradas, e ressurgiu ainterpretação geológica catastrófica, de que a Terra passou por uma grande catástrofe, quegerou os fósseis e várias alterações no planeta. Os registros fósseis dão testemunho de umdilúvio Universal e testemunham que a Terra passou por uma grande catástrofe.

Variação após o dilúvio

Deus dotou os seres vivos com um potencial genético que permite grande variedade de raçasde aves, de cães, etc. Sabemos que as espécies estão em constante processo demicrovariações. Um exemplo disso são os cães. A Genética sabe hoje que com apenas umúnico casal de cães, é possível gerar todos os tipos de cães existentes (dálmatas, pastoralemão, boxer, etc). Basta que os animais selecionados tenham os genes para tal. Os animaisque entraram na arca possivelmente eram multigenes. Exemplo é que não caberiam na arcatodas as espécies de cães, mas caberia um casal multigenes com a capacidade de gerar todasas espécies de cães. [Veja explicações emhttp://designinteligente.blogspot.com/2007/09/de-onde-vm-tantasraas-ces.html]. A ciência sabe hoje que apenas um casal de cães, lobos e hienas seria capaz degerar todos os tipos de cães, lobos e hienas existentes. Isto confirma a baraminologia, e éevidência do processo de diversificação das espécies após o dilúvio. Diante das microvariações(diversificações) que ocorrem nas espécies, não sabemos nem mesmo se os cães existiramantes do dilúvio, ou se desenvolveram-se a partir de um ancestral que foi preservado na arca,e teria gerado o grupo.

É sempre importante salientar que, neste caso, não se ocorre uma evolução: neste caso, háuma diversificação das espécies que foram criadas por Deus originalmente. Mais discussõesabordando este assunto, no tópico sobre "Baraminologia".

Muitos criacionistas acreditam que as mudanças dentro de uma população são realizadasatravés da degradação do genoma criado.

É de acordo, geralmente, que a seleção natural, isolamento reprodutivo (especiação) e derivagenética são eficazes, nos levando à formação de populações que são altamente adaptadas aoseu ambiente. Crê-se que especiação e deriva genética tenham ocorrido em altas frequências durante a dispersão, imediatamente após o dilúvio.

O dilúvio e as condições originadas após seu término teriam fornecido condições muitofavoráveis para um rápido isolamento reprodutivo (especiação). A maioria dos organismos foidestruída por esta catástrofe, deixando pequenas populações de sobreviventes. Osvertebrados terrestres foram preservados na arca em pequenos números. Após eles seremliberados da arca, eles teriam encontrado

recursos quase ilimitados disponíveis, tornandopossíveis rápidos aumentos no tamanho das populações, juntamente com níveis reduzidos decompetição. Haveria um grande número de nichos ecológicos desocupados, aos quais osorganismos poderiam se adaptar. As condições ambientais da Terra estariam instáveis, eprocessos geológicos como os vulcões, terremotos, e mudanças no nível do mar afetariam oclima, criariam e removeriam barreiras para a dispersão e produziriam muitas catástrofeslocalizadas que tenderiam a isolar populações de espécies em dispersão.Aquelas espécies que foram preservadas fora da arca também estariam sujeitas a condiçõesfavoráveis para especiação. Organismos aquáticos poderiam ser transportados por correntes,possivelmente resultando na dispersão de pequenos grupos de sobreviventes para muitoslugares isolados com diferentes condições ambientais. O mesmo poderia acontecer com gruposterrestres tais como insetos, vermes e outros invertebrados. Plantas e sementes poderiamtambém ser levadas pelas águas e dispersas por correntes. Estas condições provavelmenteresultariam em especiação rápida em muitos grupos de organismos.

As diversas adaptações dos seres vivos ao meio ambiente dependem muito do tipo devegetação e do clima. É bem conhecido o instinto de migração de várias espécies,principalmente as aves. Determinadas espécies, com o tempo, se isolaram em determinadasregiões, e se adaptaram a novos tipos de habitats, por diversos fatores ambientais comodestruições ecológicas, melhor adaptação a outro tipo de ambiente, migração, etc.

Sobrevivência após o dilúvio

Como os sobreviventes do dilúvio fizeram para se alimentar quando saíram da arca, já quetudo havia sido destruído? Observe que após as águas do dilúviominguarem, a pomba trouxeum ramo de oliveira para Noé. Isto significa que já havia vegetação na superfície, em rápidoprocesso de crescimento. A Terra passara mais de um ano sem ser cultivada ou explorada pelohomem, enquanto passava pelo processo de transformação geológica. Isto nos faz lembrar do"ano sabático", onde a cada sete anos, Deus ordenara um ano de descanso, e no ano seguintea este sétimo, a terra produzia duplicadamente, com capacidade dobrada. Isto deve terocorrido também no ano após o dilúvio.

Como, em tão pouco tempo, a pomba poderia ter encontrado uma oliveira, e depois, alimentosuficiente para nunca mais ter que voltar à Noé?Pelos cálculos, a pomba teria sido solta mais de dois meses e meio antes que Noé saísse daarca; dois meses eram suficientes para a reprodução vegetal em vários lugares da superfície. Observem a Providência divina: quando Noé soltou a pomba pela segunda vez, esta trouxe-lheum ramo de oliveira; sete dias após este, a pomba já não voltou mais. Isto significa que ela jáhavia

encontrado alimento suficiente para sobreviver fora da arca, por isso não retornou nosdois meses seguintes nem nunca mais para se alimentar. Enquanto isso, muita vegetação játeria crescido sobre a superfície, (pelo menos, o suficiente para a alimentação até que tudo seestabilizasse novamente). Os animais que saíram da arca seriam férteis, e teriam capacidadede, em pouco tempo repovoarem e diversificarem suas respectivas espécies, e encherem aTerra conforme a benção de Deus (Gênesis 8:17). Os anfíbios, que vivem na terra e na água,e os animais marinhos, que sobreviveram fora da arca, estariam em maior quantidade que osanimais terrestres, e também serviriam de alimentação para estes e aos humanos. Hoje já sefala que, devido à superlotação do planeta, no futuro teremos que extrair grande parte denossa alimentação do mar. O mesmo deve ter acontecido após o dilúvio: o mar teria alimentoem abundância, por isso grande parte da alimentação deve ter sido retirada do mar. Também,quando as águas do dilúvio secaram, muitos cadáveres devem ter ficados expostos sob asuperfície, (de animais e humanos que não foram soterrados e fossilizados) – que estariam emestado de composição, (processo que, teria sido retardado até aquele momento pelaconservação do sal e da água). Estes restos mortais proporcionariam alimentação por um bomperíodo à muitas aves de rapina (como os abutres e os corvos), e para animais que sealimentam de 'carne morta', como as hienas.

Devemos lembrar novamente que, considerando que os tipos básicos levados por Noé nãoeram iguais às classificações biológicas modernas de espécies, podemos dizer que haveria umaquantidade suficiente de alimentação para os poucos exemplares levados com Noé, apóssaírem da arca. Lembrando também, que Noé levara uma quantidade maior de animais e aveslimpas, que, por formarem grande parte dos seres herbívoros, podem ter servido dealimentação aos carnívoros após o dilúvio.A declaração divina de que TEMOR e ESPANTO se apoderariam dos animais diante de Noé e suafamília ("Pavor e medo de vós virão **SOBRE TODOS OS ANIMAIS DA TERRA** e sobre todas as aves doscéus"... GN 9:2-4), seria uma garantia de proteção e sobrevivência aos humanos diante dasferas e animais selvagens após saírem da arca. Os estudiosos dizem que, devido a isto, Deusdisse a Noé que de todo o animal Ele iria requerer e cobrar o sangue do homem, caso estefosse derramado (GN 9.6,7).
Após saírem da arca, o ambiente deveria estar com vegetação crescente e abundante (em 100dias cresce bastante vegetação), e para os herbívoros não deve ter havido qualquer problema.

Os carnívoros também estavam em pequena quantidade, e precisamos considerar aqui a maiorduração das gerações dos carnívoros que dos herbívoros; os herbívoros, ao se multiplicaremmais rápido e por estarem em maior quantidade (os animais limpos, levados em maiorquantidade, na maioria eram herbívoros) serviram de alimento para os carnívoros.

********** Há um excelente estudo, muito preciso e informativo, queresponde as principais dúvidas e questões acerca do dilúvio no seguinteendereço:
http://criacionismoevidencias.blogspot.com/2008/10/respondendosobre-o-dilvio-e-arca-de-no.html

DÊEM UMA OLHADINHA!